

Toda exposição é mudança de um lugar para outro. Uma migração.

Deslocamento irreversível, posto que é temporal: parte de um antes, atira-se ao além. O espaço é modificado pela apresentação de algo que até então não possuía forma de vislumbre. A visualidade sempre assume uma gestação invisível que desprende o ato de criação. De tudo o que pode vir a ser uma obra, o que a define é um golpe de asa:

Um pouco mais de sol – eu era brasa.  
Um pouco mais de azul – eu era além.

Para atingir, faltou-me um golpe de asa...

Se ao menos eu permanecesse aquém... (1)

De tudo o que pode vir a ser uma vida, o que a define é o caráter de invenção. Assumir o risco de não saber como chegar ao aonde, e ainda assim mirar, admirar, rimar a intenção com a realização, sem subtrair o coeficiente artístico, sem desmerecer o interstício fino entre o aquém e o além. Um hiato. Tanto difícil quanto vital: uma ex-posição.

Todo imigrante inventa um recomeço. Nele, o que se instaura, é o intervalo equivalente a um oceano.

Ou a uma galáxia:

e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso e aqui me meço quando se vive sob a espécie da viagem o que importa não é a viagem mas o começo da

Como colocar a vírgula, o ponto final, a interrogação, a reticência, lá onde a pontuação não se faz presente no texto? O fluxo das palavras em uma página onde a viagem é o livro, no dizer de Haroldo de Campos.

Livro-objeto, livro-rolô, livro-fala, livro-vivo. Escrituras. A tradição judaica. O livro e a vida estão estreitamente vinculados em sua origem e projeção: livro-guia.

“Nem mesmo sabemos onde habita agora o que é vivo, o que ele é, como se chama. Deixai-nos sozinhos, sem um livro, e imediatamente ficaremos confusos, vamos perder-nos.” (2)  
Viajar é buscar outra terra para respirar. Ter ar. Outro ar. Além-mar. Tecer o impossível, ponto a ponto, entre a urdidura do tecido e a urgência do sobreviver: existir em outra dimensão da língua, do hábito, da cultura, da religião, do contato, da origem.

Palavras-chaves para os migrantes (3) é o trabalho que concebi especialmente para a exposição MIGRANTES: trata-se de quatro claviculários que, em conjunto, formam um só trabalho. Quatro caixinhas metálicas para chaves inicialmente virgens. Quatro cofres que contêm cada qual um segredo, constituído por 140 palavras. É este o número de pontos de encaixe para as chaves-palavras.

A caixa torna-se receptáculo para o fluxo que vem da literatura russa. Meus avós paternos e maternos vieram de uma região antes denominada Bessarábia, em zona de fronteira entre a Rússia e a Romênia. Há um encadeamento de idéias, acionado pela forma sucessiva de colocação das chaves, lado a lado, como que criando um outro texto para a história que supomos conhecer.

Mas que outro destino para tais palavras, senão o de se reagruparem, por um eixo associativo, no interior de uma caixa-livro, desenhando uma outra história? Soube recentemente, por depoimentos de familiares, sobre um pacto de silêncio realizado nos porões do navio que transportava meus avós e seus parentes: não mais falar do passado para realizar um outro futuro. Assim, foram perdendo-se as referências aos nomes das aldeias de origem, às datas de nascimento e morte dos entes queridos, às razões de uma travessia. Soube também que nossos primeiros imigrantes chegavam com os bolsos pesados, carregados de chaves. Diante dos montões que iam-se formando diante dos olhos dos alfandegários, a busca de uma justificativa para tal só encontrava uma resposta: “As casas, não as pudemos trazer. Trouxemos, então, as chaves”. Coloco-me no lugar de quem busca o enigma de uma mensagem cifrada, de quem pratica criptogramas. Onde eu não estou as palavras me acham, nos diz Manoel de Barros. Toda caixa metálica remete-me a uma outra, quase minúscula, produzida pelo artista Cildo Meireles, onde, do lado externo está escrito: Resposta. E do lado interno, como um sorriso revelador, a seguinte inscrição: Não está aqui o que você procura. O enigma sustenta-se no vazio da resposta. Cada representação gráfica inscrita nas chaves trás uma apresentação confiante na letra. As palavras que recortei do livro são gravadas no espaço destinado ao segredo das chaves, em desenho também recortado. As palavras são escritas com o mesmo empenho e capricho de quem grava o nome dos bebês recém-nascidos nas pulseiras de ouro. As palavras nomeiam o começo da viagem. As palavras são manuscritas. O trabalho é artesanal, quase rudimentar, onde a ação de contato aquece a superfície por meio de um gesto evocativo. Uma proposição de atrito entre o que se sabe e o que se busca ignorar, entre o que abre e o que fecha um lugar de passagem, entre o que configura o ponto de giro e o engate da história. Enfim, temos nossos cofres-fortes, nossas chaves-casas, nosso nome-bíblia. Babel.

Pela primeira vez, absorvi os sinais de pontuação na gravação das chaves. O conjunto de letras dá agora lugar à vírgulas que, quando sozinhas, sugerem a respiração do poema; um travessão parece querer nos indicar a pausa. Um ponto é um ponto de parada provisória. Apaziguamento da sentença. Quem dera um parênteses pudesse amenizar as inquietações de quem vive entre o passado e o futuro, em flutuações da memória.

Seja na Ilha das Flores, onde meus avós maternos realizaram quarentena no ano de 1929, seja na Colônia Quatro Irmãos, onde os pais de meu pai integraram uma comunidade, estes lugares tornam-se imediatamente continentes: territórios do futuro após a dobra definitiva do passado. O pacto de silêncio não foi jamais rompido, apenas esgarçado, espaçado, esboçado, ensaiado, enviesado. Sempre pelas frestas, nossa possibilidade é o da escuta, ou pelo eco das perguntas, ou ainda pelos rumores das respostas. Que a migração entre as coisas e as palavras nos traga um pouco da história desta longa travessia.

## NOTAS

1 Versos iniciais do poema "QUASE" de Mário de Sá Carneiro, do ano de 1913 (ano da chegada no Brasil de meus avós paternos).

2 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Memórias do subsolo. SP, Ed.34,2000. P.146

3 Este trabalho foi produzido especialmente para a exposição MIGRANTES, com curadoria de Marisa Soibermann, dentro da programação relacionada aos Cem Anos da Imigração Judaica no RS organizada pela Federação Israelita.